

DISCUTINDO RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE DISCENTES E DOCENTES A PARTIR DAS COLABORAÇÕES DE SIMONE DE BEAUVOIR E PIERRE BOURDIEU

Cristiano das Neves Bodart¹
Claúdia Paes Borba²
Andreia de Almeida Fernandes³
Kamille Ramos Torres⁴
Shenia Frigulha⁵

Resumo

Busca-se por meio deste artigo discutir as relações de gênero no Ensino Superior, mas especificamente entre discentes e docentes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa com docentes de uma instituição superior privada localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória-ES, sendo a estes aplicados questionários fechados. Objetiva-se, a partir das colaborações teóricas de Bourdieu e Beauvoir, discutir a percepção dos docentes dos sexos masculinos e femininos quanto às relações entre professor-aluno. Identificou-se que mesmo que o Ensino Superior, campo investigado pela pesquisa, caracterize-se como “menos masculino”, a coleta de campo evidenciou que existem momentos em que a desigualdade entre gênero torna-se mais evidente.

Palavras-chave: Gênero. Docência. Dominação. Bourdieu. Beauvoir.

DISCUSSING GENDER RELATIONS BETWEEN STUDENTS AND TEACHERS FROM THE COLLABORATIONS OF SIMONE DE BEAUVOIR AND PIERRE BOURDIEU

Abstract

This article seeks to discuss gender relations in Higher Education, but specifically between students and teachers. For this, a survey was conducted with teachers from a private higher education institution located in the Greater Vitória Metropolitan Region-ES, to whom were given closed questionnaires. The objective was to discuss the perceptions of male and

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. Professor de Ensino de Sociologia e Fundamentos de Educação da Universidade Federal de Alagoas/UFAL.

² Doutora em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS. Professora da Faculdade Novo Milênio/FNM.

³ Graduanda em Administração pela Faculdade Novo Milênio/FNM.

⁴ Bacharel em Administração pela Faculdade Novo Milênio/FNM.

⁵ Graduanda em Administração pela Faculdade Novo Milênio/FNM.

female teachers regarding professor-student relationships, from the point of view of the theoretical collaborations of Bourdieu and Beauvoir. It was seen that even though Higher Education, the field investigated by this research, is characterized as "less masculine," the field collection found evidence that there are moments in which the inequality between genders becomes more evident.

Keywords: Gender. Teaching. Domination. Bourdieu. Beauvoir

INTRODUÇÃO

As relações de gênero estiveram na pauta dos estudos de Pierre Bourdieu e Simone Beauvoir. Em 1949 Simone de Beauvoir lançava sua obra, "O segundo sexo", o qual lhe renderia notoriedade acadêmica e influenciaria gerações de feministas e intelectuais dedicados aos estudos de gênero. Em 1990, o já consagrado sociólogo francês, Pierre Bourdieu, lançava "A dominação Masculina"; obra que intensificou as discussões em torno das relações de gênero no interior do campo científico, sobretudo sociológico; contudo, sem fazer menção às importantes colaborações de Beauvoir, o que lhe rendeu severas críticas.

Ainda que Bourdieu (1990) não tivesse em sua obra, dialogado abertamente com Beauvoir (1949), sua teoria muito se aproximou das contribuições desta. Não entendemos serem colaborações teóricas excludentes, mas complementares, as quais nos ajudam a entender as relações de poder existentes nas interações sociais entre indivíduos de gêneros diferentes. Por esse motivo, optamos por nos apropriar de suas contribuições a fim de trazer à discussão uma questão que julgamos importante e necessária: as relações de gênero entre discentes e docentes.

Partimos do seguinte problema de pesquisa: as percepções dos docentes do Ensino Superior quanto a sua relação com os alunos variam de acordo com seu gênero? Em outros termos, o poder simbólico – ligado à masculinidade - exerce influência significativa mesmo quando as relações são entre professores do Ensino Superior e indivíduos com escolarização acima da média da sociedade brasileira, os universitários? A partir deste problema, definimos por objetivo discutir as percepções dos docentes masculinos e femininos quanto às suas relações com os discentes considerando o elemento variável "gênero". A fim de possibilitar tal reflexão realizamos uma pesquisa que visasse às percepções dos docentes de uma instituição de Ensino Superior localizada na Região Metropolitana da Grande Vitória-ES. Tal coleta deu-se por meio de um questionário estruturado a partir de nove questões fechadas e uma aberta. Este foi aplicado a cinquenta

(50) professores da instituição. Obtivemos o retorno de 33 questionários adequadamente respondidos.

O artigo estrutura-se, além desta introdução e das considerações finais, de duas seções. Na primeira retomamos as contribuições de Beauvoir (1949) e de Bourdieu (1990) para pensarmos as relações de gênero. Na segunda parte apresentamos as percepções dos professores e das professoras quanto a suas interações com os discentes considerando a variável “gênero”. Sendo essas percepções os dados coletados, buscamos discuti-las a partir das contribuições dos dois autores mencionados.

1 BREVE ESBOÇO TEÓRICO-CONCEITUAL DAS RELAÇÕES DE GÊNEROS EM BEAUVOIR (1949) E BOURDIEU (1990)

Ainda que de forma breve, pretendemos aqui esboçar as principais contribuições dos franceses Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu para a discussão das relações de gênero, mais especificamente as posições sociais de reconhecimento.

Em Simone de Beauvoir vamos nos ater as suas significativas colaborações presentes na obra “O segundo sexo”, de 1949. Tal obra se consolidou como um clássico da literatura especializada na temática “gênero”, suscitando fortes discussões, culminando em direcionamentos para novos trabalhos, assim como foi alvo de críticas, muitas ilegítimas, as quais levou a filósofa Simone de Beauvoir a escrever o seguinte esclarecimento em sua autobiografia de 1963:

Eu disse como esse livro [O segundo sexo] foi concebido; quase fortuitamente, querendo falar de mim, percebi que precisava descrever a condição das mulheres [...] Tentei pôr em ordem no quadro, à primeira vista incoerente, que se ofereceu a mim: em todo caso, o homem se colocava como o Sujeito e considerava a mulher como um objeto, o Outro. [...] Um dos mal-entendidos que meu livro suscitou foi que se pensou que nele eu negava qualquer diferença entre homens e mulheres: ao contrário, ao escrevê-lo medi o que os separa; o que sustentei foi que essas dessemelhanças são de ordem cultural e não natural. Contei sistematicamente como elas se criam, da infância à velhice, examinei as possibilidades que este mundo oferece às mulheres, as que lhes são recusadas, seus limites, suas oportunidades e faltas de oportunidade, suas evasões, suas realizações (BEAUVOIR, 2009, p. 2010-2011).

Na obra “O segundo sexo” (1949), Beauvoir traz duas questões centrais: a primeira já presentes no título de seu trabalho, aferindo que a mulher é o “não sujeito”, é “o outro”; a segunda questão trazida é a tentativa de explicar o que a leva ser o “não sujeito”, “o outro” nas relações sociais. Para a filósofa francesa essa condição de “não sujeito” não era natural,

antes uma construção social. Assim, em Simone de Beauvoir (1980 [1949]) encontraremos uma fenomenologia do corpo feminino. Para ela, esse corpo não pode ser entendido como corpo-objeto, nem mesmo como corpo-em-si, mas como “corpo vivido”, fruto de uma construção histórica. Daí sua célebre frase: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”.

Fundamentada no existencialismo, para Beauvoir os seres humanos deveriam fundamentalmente definir-se de maneira singular como liberdade autônoma. Porém, as mulheres estariam frente a uma situação paradoxal: “gera-se um conflito entre as reivindicações essenciais dos direitos que ela possui enquanto ser humano e o mundo dos homens que lhe impõe assumir-se como o Outro. Outro é o lugar no qual se pretende fixá-la, na imanência, como uma facticidade, isto é, como um objeto” (FEMENÍAS, 2012, p. 312). Essa coisificação da mulher é produto de seu confinamento, pelos homens, a espaços “para mulheres”, espaços tidos como secundários, além de ser essa condição mascarada pela crença de que o destino da mulher é ser passiva, sendo isso um determinante da natureza. Nesse sentido, as assimetrias sociais foram destacadas como impactantes nas liberdades individuais, sobretudo das mulheres. Estas envolvidas em “um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1980 [1949], p. 21). Ao contrário da condição de “não sujeito” das mulheres, o indivíduo masculino é construído a partir de um reconhecimento de superioridade, o que lhe possibilita maiores condições de sua liberdade autônoma. Para Beauvoir,

A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se em rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta; orgulha-se de seus músculos como de seu sexo (1980 [1949], p.21).

Não se trata apenas da construção social de limitações às mulheres, de sua condição de “não sujeito”, mas também da construção social de homens superiores a elas, sujeitos socialmente reconhecidos em detrimento à posição do “outro sexo” como segundo, absorvendo disposições para amar os jogos de poder, cabendo à mulher amar os jogadores (BURAWOY, 2010). Contudo, Beauvoir “insistia que o processo de socialização poderia ‘fracassar’” (BURAWOY, 2010, p. 137).

Beauvoir foi vítima dessa “condição de mulher”, não só em sua vida cotidiana, como as demais mulheres, mas também sendo desqualificada como intelectual. Como ela mesmo, relatou em sua autobiografia, sobre si caíram acusações de ser “neurótica,

frustrada, uma deserdada, uma mulher-macho, uma invejosa, amargurada repleta de complexos de inferioridade com relação aos homens, com relação às mulheres, roída pelo ressentimento” (BEAUVOIR, 2009, p. 214). Curiosamente sua própria obra seria suficiente para entender essa situação.

A obra de Beauvoir, “O segundo sexo”, fomentou fortemente o desenvolvimento do feminismo da “segunda onda”, sendo, posteriormente, tida como ultrapassada e criticada pelas feministas da “terceira onda”. Contudo, nos anos de 1990 voltou a ser reconhecida entre pesquisadores da temática gênero, isso após Sylvie Le Bon de Beauvoir, a filha adotiva de Simone, autorizar a publicação de escritos privados de sua mãe, falecida em 1986. Tal retomada de seu pensamento deu-se pela percepção de que em muito Simone de Beauvoir se distanciava das ideias de Sartre, apresentando originalidade em relação à condição da mulher frente à concepção de liberdade autônoma em meio às assimetrias sociais (SIMONS, 1995, p. 4).

Para Beauvoir (1980), a luta pela igualdade de gênero não é possível de ser vencida por meio de esforço individual, ainda que a filósofa seja simpática a ele. Para ela, todas, individualmente, estariam condenadas ao fracasso. O luta individual contra a opressão é indispensável, porém insuficiente. A “mulher independente”, que Beauvoir traz no último capítulo de sua obra (1949), não representa o fruto ou resultado de ações individuais, mas seria resultado de ações institucionais e mudanças culturais no mundo vivido. As amarras que tiram da mulher a liberdade plena são estruturais, institucionalizadas e culturalmente formadas, mantidas e reproduzidas. “Quando o homem faz da mulher o seu outro, ela pode esperar então que ela manifeste tendências profundamente enraizadas à cumplicidade” (BEAUVOIR, 1980 [1949], p.15).

Quanto às disputas por espaços na sociedade, Beauvoir (1980 [1949], p.17) assevera que,

[...] a ação das mulheres nunca passou de uma agitação simbólica, só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder, elas nada tomaram; elas receberam. Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história nem religião própria [...].

Beauvoir (1980 [1949]) tinha consciência que a vida doméstica não era necessariamente o destino das mulheres, mas mesmo ao adentrar ao mercado de trabalho, buscando fugir do confinamento do lar, continuaria sendo vítima da opressão.

Nesse sentido, o que temos é uma reprodução da desigualdade de gênero marcada pela imposição à mulher a ser, nas relações sociais, um “não sujeito”. Nessa direção que

Pierre Bourdieu esteve envolvido no desenvolvimento de uma teoria que desce conta de pensar a reprodução social, teoria que se estendeu às relações de gênero. Tal esforço intelectual originou a obra “A dominação masculina”, de 1990.

Como em Simone de Beauvoir (1980 [1949]), Bourdieu (2010 [1990]) também parte da premissa de que o feminino é fruto de uma construção histórica e que esta é marcada pela relação de poder, configurando-se no que chamou de “dominação masculina”, título de sua obra que aqui tomamos à mão. Essa dominação, atesta Bourdieu, é incorporada tanto por dominantes, quanto por dominados, ainda não conscientes.

Pierre Bourdieu buscou estruturar um corpo teórico e conceitual mais detalhado, se comparado com a colaboração de Beauvoir (1949). Para entendermos de que forma a temática relações de gênero marca presença no pensamento de Pierre Bourdieu é necessário uma compreensão mais ampla de seu arcabouço teórico-conceitual, uma vez que o referido sociólogo, ainda que tivesse escrito uma obra para discutir as relações de gênero, não teve por proposta a criação de uma teoria particular para o tema, antes se apropriou de sua “Teoria do Campo” para compreender tais relações. Desta forma, buscaremos esboçar tal teoria a fim de delinear suas principais contribuições para pensarmos as relações de gênero, ou, em suas palavras, a “dominação masculina”.

Para Bourdieu os indivíduos estão inseridos em campos, no interior dos quais disputam por capitais simbólicos que lhes proporcione distinção no seu interior.

Bourdieu (2004, p.27) explica que “campos são lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas”, sendo arenas sociais de disputas. Como existem vários campos, tais como o econômico, o científico, o intelectual, o político, entre outros, os capitais simbólicos desejáveis e que proporcionam distinção social se diferem entre si (BOURDIEU, 2004). Bourdieu (1983 apud TRIGO, 1998, p. 49), define campo como um “espaço social”, ou seja, “[...] é um sistema de posições diferenciais que confere aos agentes individuais ou coletivos [...] papéis e *status* diversos” sendo assim o *habitus* é um mecanismo dependente do campo, ou do espaço social.

As relações sociais no interior dos campos são marcadas pela disputa de “poder simbólico”, sendo “um poder de construção de realidade [...]” (BOURDIEU, 1989, p.9), o qual se manifesta de forma invisível nas relações interpessoais por meio da cumplicidade entre os que estão a ele sujeitos e os que o exercem; ainda que não tenham consciência disso (BOURDIEU, 1989). Como destacara Beauvoir, Bourdieu também compreendia que o processo de socialização diferencial destinado aos homens, o levava a amar os jogos de poder. Por outro lado, a socialização imposta às mulheres lhe ensinaria a amar os jogadores,

sendo os homens seus representantes no interior do campo.

É importante destacar que,

Qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. A diferença maior entre um campo e um jogo (que não deverá ser esquecida por aqueles que se armam das teorias dos jogos sociais, e, em particular o jogo econômico) é que o campo é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo (como se vê todas as vezes que uma revolução simbólica – aquela operada por Manet, por exemplo – vem redefinir as próprias condições de acesso ao jogo, isto é, as propriedades que aí funcionam como capital e dão poder sobre o jogo e sobre os outros jogadores). Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégia que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. Essas estratégias orientam-se seja para a conservação da estrutura, seja para a sua transformação, e pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições (isto é, de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição (BORDIEU, 2004, p.29).

Para Bourdieu, os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social e produção de consensos quanto ao sentido do mundo social, sendo responsável pela estruturação da ordem social (BOURDIEU, 1989, p.10). Será por isso que em sua obra “A dominação masculina” notamos uma atenção especial dada aos símbolos, os quais, segundo Bourdieu, são muitos deles sexualizados de forma a reproduzir o papel e o lugar secundário da mulher na sociedade ocidental, bem como a produção de *habitus* que (re)produzirão as relações assimétricas entre o masculino e o feminino.

O conceito bourdieusiano de *habitus* tem sua origem do pensamento de Aristóteles. Nos anos de 1960 tal conceito foi “recuperado e retrabalhado” por Pierre Bourdieu (WACQUANT, 2007) a fim de integrar a instrumentação conceitual necessária para a construção de sua Teoria do Campo. Ainda que tal termo esteja presente na antiguidade, foi no trabalho de Bourdieu, segundo Wacquant (2007), que o conceito assumiu uma “noção mediadora” entre indivíduo e sociedade. Assim, *habitus* é definido por Bourdieu como “a aptidão que têm os agentes de se orientarem espontaneamente num espaço social e a reagir de modo mais ou menos adaptado aos acontecimentos e reações” (BOURDIEU, 1972, p.178).

O *habitus* se forma pela “interiorização de determinismos sociais”, como afirma Trigo (1998). O autor explica que “à medida que se repetem experiências pontuais e concretas acumulam-se e estruturam-se em disposições gerais” (TRIGO, 1998, p.46). Dessa forma, *habitus* pode ser associado como uma incorporação de atitudes pelo indivíduo em razão de suas experiências advindas do contexto social em que está inserido.

Bourdieu (1972, p.17), sobre isso explica,

[...] em razão do efeito da histerese que está necessariamente implicado na lógica da constituição do *habitus*, as práticas se expõem sempre a receber sanções negativas, portanto um "reforço secundário negativo", quando o meio com qual elas se defrontam realmente está muito distante daquele ao qual elas estão objetivamente ajustadas. Compreendemos, na mesma lógica, que o conflito de geração opõem não classes de idades separadas por de natureza, mas *habitus* que são produtos de diferentes *modos de engendramento*, isto é, de condições de existência que, impondo definições diferentes do impossível, do possível, do provável ou do certo, fazem alguns sentirem como naturais ou razoáveis práticas ou aspirações que outros sentem como impensáveis ou escandalosas, e inversamente.

O *habitus* é adquirido dentro de um campo. O *habitus*, segundo Bourdieu (1997 apud WACQUANT, 2007, s/p), “[...] opera como uma mola que necessita de um gatilho externo e não pode, portanto ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares, ou “campos”, no interior dos quais evolui”.

Contudo, é importante destacar que para Bourdieu (1992, p.8) “o *habitus* não é destino, como se vê às vezes. Sendo produto da história, é um sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas e, assim, incessantemente afetado por elas”.

O “*habitus* masculino⁶” adquirido conduz o masculino a disputar capitais simbólicos valorizados no interior do campo que está situado; às mulheres muitas vezes relegadas a admirar essa disputa e valorizar os homens que acumulam capitais simbólicos, os quais à elas não é reservado o direito de adquirir.

Para Bourdieu (1989, p.145),

O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio.

A partir do capital simbólico deriva-se o poder simbólico, o qual é “um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, um *fide*, uma *auctoritas*, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe” (BOURDIEU, 1989, p. 9). De posse dos capitais simbólicos, os homens acabam detendo poder simbólico, o que legitima socialmente a dominação masculina.

⁶ É importante destacar que Bourdieu não utiliza esse termo. Usamos aqui para designar as predisposições à representação do papel masculino, bem como a assumir a posição social de reconhecimento desse gênero na sociedade.

Tanto em Bourdieu como em Beauvoir teremos a dominação masculina como “a forma extrema de dominação: dominação não reconhecida como tal ou, pelo menos, não reconhecida em sua profundidade” (BURAWOY, 2010, p. 137).

Contudo, as forças e a lógica do campo podem ser enfrentadas. Ainda assim, assevera Bourdieu que,

Aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com todas as consequências que se possa imaginar. Mas eles também podem lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições às estruturas, tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para conformá-las às suas disposições (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Assim, entendemos que pode haver lutas por mudanças nas estruturas do campo com as disposições adquiridas pelo indivíduo ou então, este, arriscar ser taxado de “atrasado” em relação aos que tem o *habitus* que o campo em questão exige. É nessa luta que a mulher acaba sendo vítima de críticas, como àquelas sofridas por Simone de Beauvoir.

A coisificação da mulher, tanto em Beauvoir, quanto em Bourdieu, é vista como produto de seu confinamento a espaços “de mulher”, e essa condição é mascarada pela crença de que o destino da mulher é ser passiva e submissa; sendo isto um determinante da natureza ou “lei divina”. Por meio das contribuições de Bourdieu (2010), desvela-se que tal confinamento é marcado pelas disputas no interior dos campos, nos quais os homens, em busca de distinção, resguardam para si capitais simbólicos socialmente valorizados e em disputa, enquanto que cabe às mulheres ficarem à margem desta disputa. Ao mesmo tempo em que os capitais simbólicos de posse dos indivíduos masculinos são valorizados, há uma desvalorização daqueles que as mulheres possam vir a conquistar. Assim, estarão sempre à margem; serão sempre o “outro sexo”; sempre sob a “dominação masculina”.

As assimetrias sociais, tanto em Beauvoir quanto em Bourdieu, são compreendidas como um fator fortemente impactante sobre as liberdades individuais, sobretudo das mulheres. Essas assimetrias são, nas palavras de Bourdieu, estruturas estruturantes das posições sociais dos corpos e dos sentidos. Nesse sentido, a dominação masculina, por estar presente na estrutura social, dispensa justificção, sendo apresentada como neutra e sem a necessidade de discursos sofisticados para legitimar a ordem das coisas, uma vez que esta ratifica a dominação (BOURDIEU, 2010).

Percebiam Simone de Beauvoir (1980) e Bourdieu (2010) que o indivíduo

masculino, ainda que construído a partir de um reconhecimento de superioridade, é, igualmente a fêmea, vítima da dominação masculina, tendo também sua liberdade autônoma limitada pela construção social das relações de gênero. Essa condição notamos na própria obra de Bourdieu ao silenciar Beauvoir, destinando a ela - ainda que fazendo muitas referências às inúmeras correntes feministas da segunda geração - apenas uma insignificante nota de rodapé descrevendo-a “como vítima inconsciente da dominação simbólica exercida por Sartre” (BURAWOY, 2010, p.132). Notamos, assim, que mesmo Bourdieu, teorizador da dominação, era uma vítima das disposições sociais de reconhecimento.

Frente às condições impostas às mulheres, Beauvoir (1980 [1949], p.500) não aceitava passivamente, afirmando que:

Emancipar a mulher implica se recusar a confiná-la às relações que ela tem com os homens, mas não para negar-lhe isso; deixando-se antes ter uma existência independente e daí ela continuará a existir também para o homem; quando ambos se reconhecerem mutuamente como sujeitos, cada qual continuará sendo o outro para o outro.

Bourdieu elencava que,

O fundamento da dominação simbólica, portanto, não repousa na “consciência mistificada, mas em disposições sintonizadas com a estrutura da dominação; e o relacionamento de cumplicidade” que o dominado “concede” ao dominante só pode ser rompido por meio da “transformação radical das condições sociais de produção daquelas disposições que conduzem os dominados a tomar para si a perspectiva dos dominantes sobre os dominados e sobre si mesmos (BURAWOY, 2010, p.149-150)”.

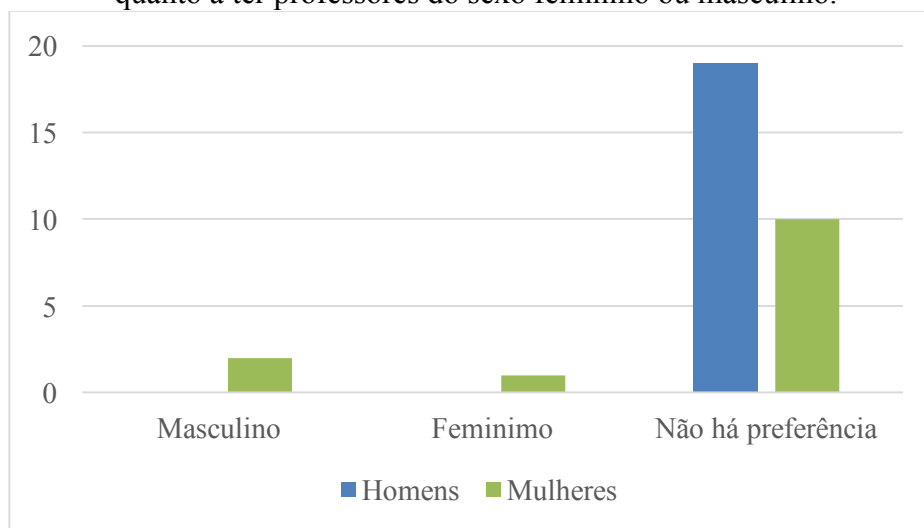
Assim, notamos que ambos os pensadores aqui mobilizados denunciavam que as amarras eram construções sociais que envolviam homens e mulheres, ambos vítimas da dominação masculina e possíveis atores na transformação das condições materiais e simbólicas para uma sociedade menos opressora.

2 PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SUPERIOR QUANTO ÀS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE DISCENTES E DOCENTES

Na presente seção buscamos discutir a percepção dos professores que participaram voluntariamente desta pesquisa, quanto às relações entre professor-aluno. Trata-se de docentes de uma instituição de Ensino Superior localizada na Região Metropolitana da

Grande Vitória-ES. Como já destacado, tal coleta deu-se por meio de questionário respondidos por trinta e três (33) professores da instituição, sendo 13 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. As análises foram realizadas a partir das contribuições teóricas de Beauvoir e Bourdieu. A seguir apresentamos, por meio de gráficos, os dados coletados e as questões que esses suscitam.

Gráfico 01 – Percepção dos professores respondentes sobre a preferência dos alunos quanto a ter professores do sexo feminino ou masculino.



Fonte: Elaboração própria.

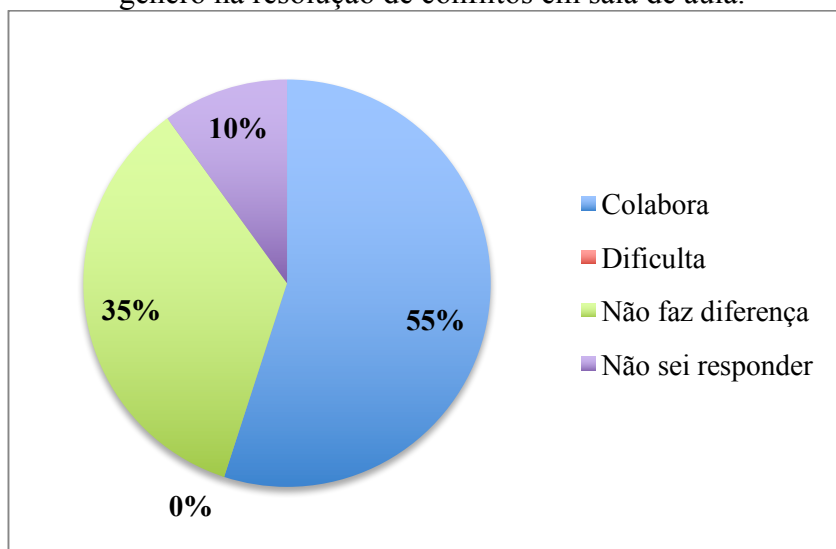
Questionados se percebem se os alunos manifestam preferência por professores do sexo masculino ou feminino, grande parte dos professores entrevistados afirmou que, de modo geral, não há preferência entre os sexos. Apenas três dos entrevistados do sexo feminino manifestaram existir uma preferência por parte dos alunos. Duas entrevistadas afirmaram que existiria uma preferência por professor do sexo masculino e uma entrevistada, por professor do sexo feminino. A pesquisa mostrou que todos entrevistados homens acreditam que os alunos não demonstram preferência por professor ou professora.

É sabido que a docência, mesmo no Ensino Superior, não é um “espaço masculino”, destinado apenas aos homens; isso porque o ato de ensinar esteve historicamente associado à atividade feminina. De acordo com os estudos intitulados “*Trajetória da mulher na educação superior brasileira*” e publicados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2007 é evidente o crescimento de mulheres no ensino universitário no período de 1991 a 2004, superando inclusive o sexo masculino a partir de 2000 (INEP, 2007). Não sendo um espaço masculino, não há uma disputa de gênero tão clara e aberta, ao menos à primeira vista; por isso a necessidade de avançarmos

nessa análise.

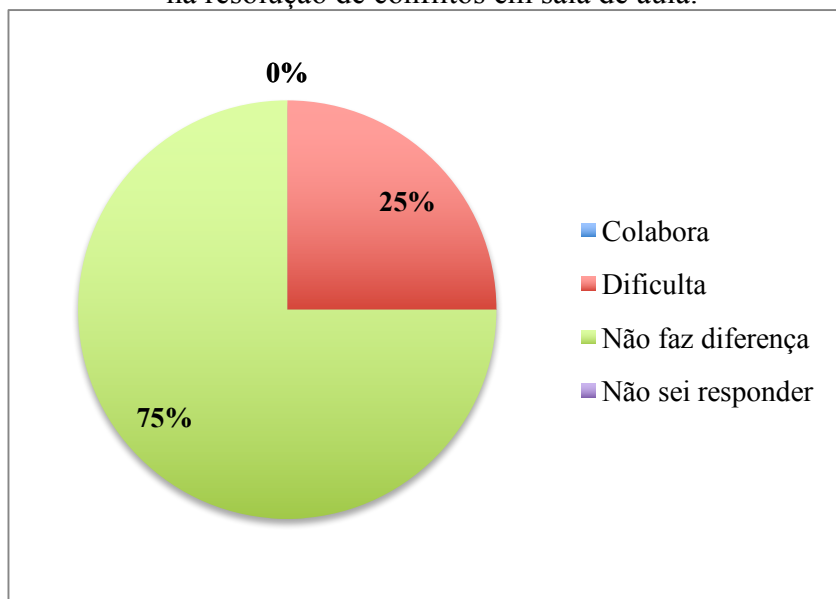
Sobre a relação do sexo e a resolução de conflitos em sala de aula, a pesquisa mostrou que, dos entrevistados homens, a maioria (55%) acredita que em momentos de conflitos em sala de aula ser do sexo masculino contribui positivamente para a resolução de um problema. Já dentre as entrevistadas do sexo feminino 25% afirmaram que ser mulher dificulta sua atuação em momentos de conflitos em sala de aula. Nenhum respondente do sexo masculino afirmou que ser homem dificulta a resolução de conflitos em sala de aula.

Gráfico 02 – Percepção dos professores do sexo masculino sobre a influência de seu gênero na resolução de conflitos em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria.

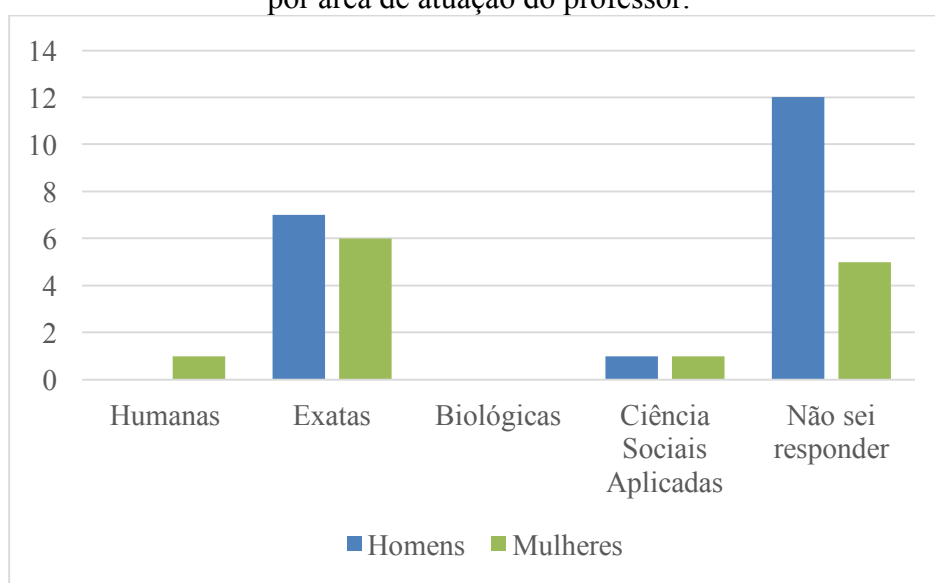
Gráfico 03 – Percepção dos professores do sexo feminino sobre a influência de seu gênero na resolução de conflitos em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria.

Como destacou Bourdieu (2010), a vítima do sistema simbólico da dominação masculina tem dificuldade de percebê-lo. No caso da presente pesquisa, nota-se que de um lado os homens, em sua maioria, reconhecem o sexo masculino como colaborador para a resolução de conflitos, do outro as mulheres afirmam que não faz diferença ou que o sexo feminino dificulta. Esse resultado era esperado por sabermos que o poder em nossa sociedade está atrelado à masculinidade. Os dados coletados evidenciam que nos momentos de conflitos as desigualdades de gênero tornam-se mais sintomáticas se comparadas à aceitação da presença ou não da mulher como professora.

Gráfico 04 – Percepção dos professores respondentes sobre a percepção de discriminação por área de atuação do professor.

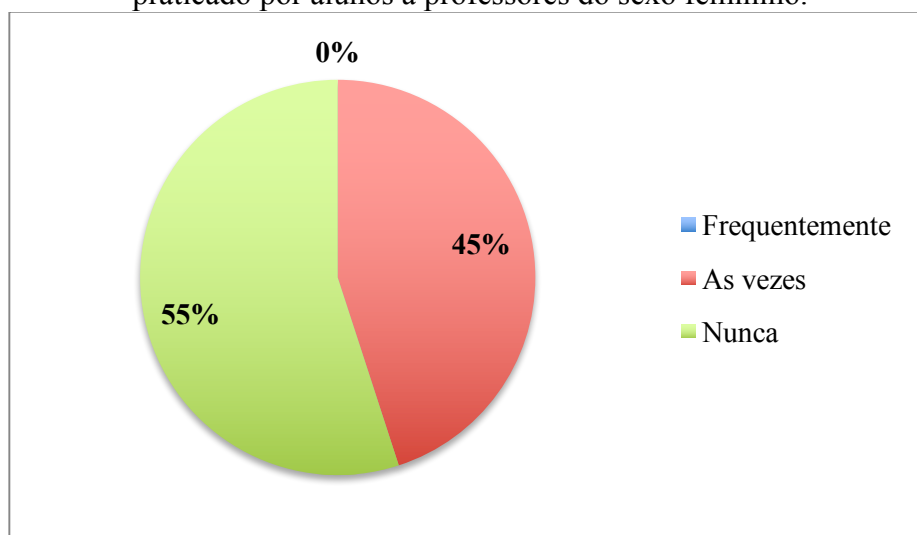


Fonte: Elaboração própria.

Perguntados sobre que área de atuação o professor do sexo feminino pode receber discriminação, 40% do universo de respondentes afirmou ser a área de Exatas a que poderia proporcionar maior discriminação a professores do sexo feminino. Importante observar que dentre todos os pesquisados, 53% responderam a alternativa “não sei responder”, conforme demonstra o gráfico 04. No Brasil, a área de Exatas é predominantemente ocupado por homens, o que nos possibilita a aferir que se trata de um campo masculino. A mulher ao disputar capitais simbólicos distintivos no interior desse campo acaba encontrando resistência e essa realidade parece ser percebida por professores de ambos os sexos.

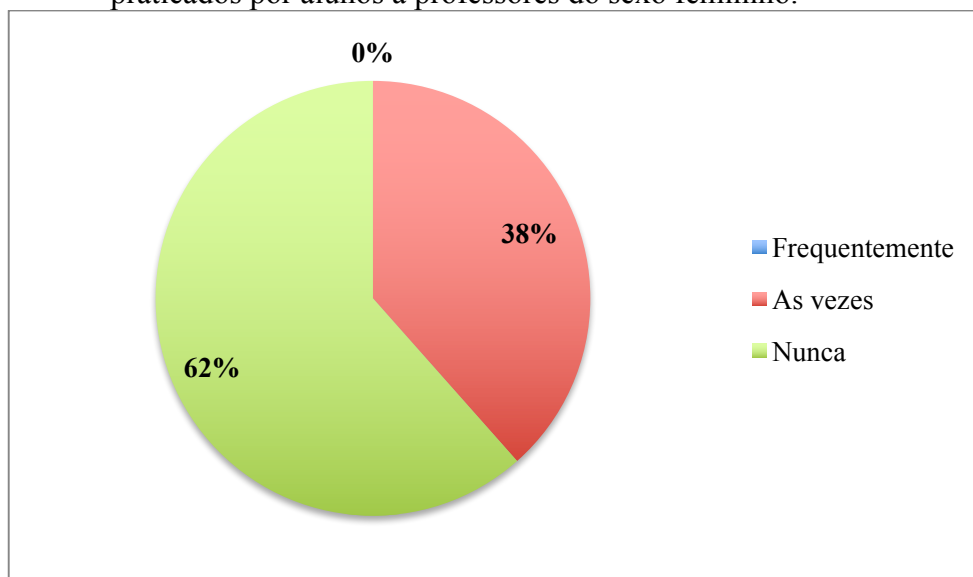
Ao cruzarmos essas informações com os dados observados no gráfico 01, notamos que na opinião dos professores respondentes o aluno não demonstra preferência pelo sexo do professor, mas demonstra que há maior possibilidade de discriminação às professoras quando esta atua na área de Exatas.

Gráfico 05 – Percepção dos professores do sexo masculino quanto à frequência de assédio praticado por alunos a professores do sexo feminino.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 06 – Percepção dos professores do sexo feminino quanto a frequência de assédio praticados por alunos a professores do sexo feminino.



Fonte: Elaboração própria.

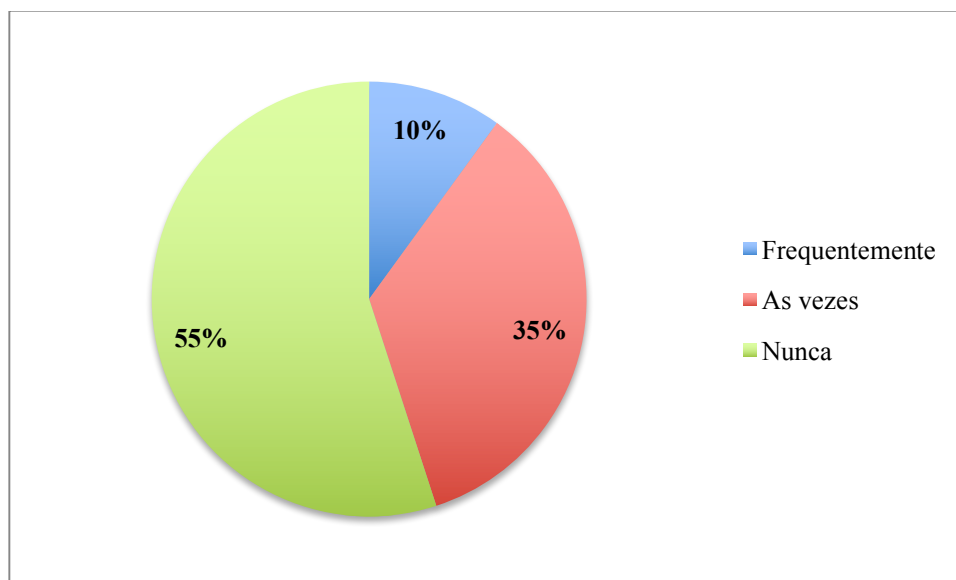
A pesquisa buscou saber também se entre os professores da instituição, é possível perceber se há assédio de alunos do sexo masculino a professores do sexo feminino. Conforme demonstra o gráfico 07, 43% dos entrevistados afirmaram que o assédio ocorre

“às vezes” e 59% “nunca” o percebeu. Nessa questão, onde as possibilidades de repostas eram “frequentemente”, “às vezes” e “nunca”, não há registros de respondentes tendo percebido assédio “frequentemente”. Tais dados evidenciam também que dentre os respondentes de um total de 14 professores que responderam ao questionário a opção “às vezes”, apenas 5 são mulheres. Acreditamos que por ser corriqueiro o assédio sutil às mulheres, estas acabam por não perceber. Já o assédio aos homens por não ser tão frequente e comum, acabam sendo percebidos, ainda que seja igualmente sutil.

Quando questionados se percebem discriminação sexual praticada por alunos a outros colegas do sexo feminino, pouco mais da metade, 54%, respondeu “nunca”, 39% “às vezes” e apenas 6% “frequentemente”. Somados os percentuais dos respondentes que de alguma forma observaram algum tipo de discriminação, independente da sua frequência, observamos que 45% dos entrevistados enxergam atos de discriminação a colegas dos dois sexos.

Buscando analisar de forma separada a percepção dos professores do sexo masculino e feminino, encontramos os seguintes dados destacados nos gráficos 7 e 8:

Gráfico 07 – Percepção dos professores respondentes do sexo masculino quanto à percepção de práticas de discriminação sexual sofrida por professoras.

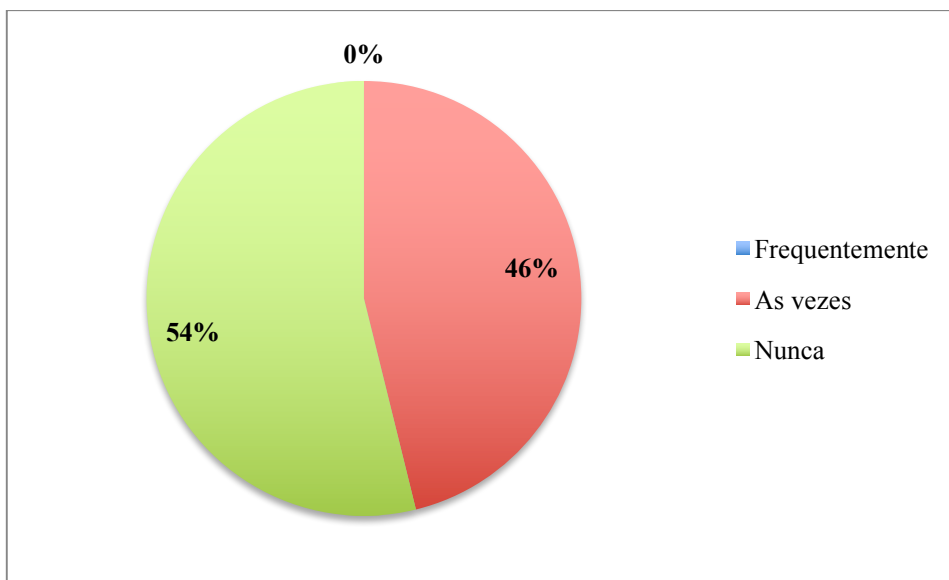


Fonte: Elaboração própria.

O primeiro dado que nos chama atenção é o número elevado de respondentes que percebem atos de discriminação sexual. Nota-se que quase metade dos homens respondentes do questionário afirma perceber práticas de discriminação sexual, o que, de certa forma, era uma de nossas hipóteses, uma vez que a instituição onde esses

profissionais atuam está inserida na sociedade descrita por Bourdieu e Beauvoir, ainda que estes tenham escrito em outras épocas: sociedade ocidental patriarcal.

Gráfico 08 – Percepção dos professores respondentes do sexo feminino quanto à percepção de práticas de discriminação sexual sofrida por professoras.



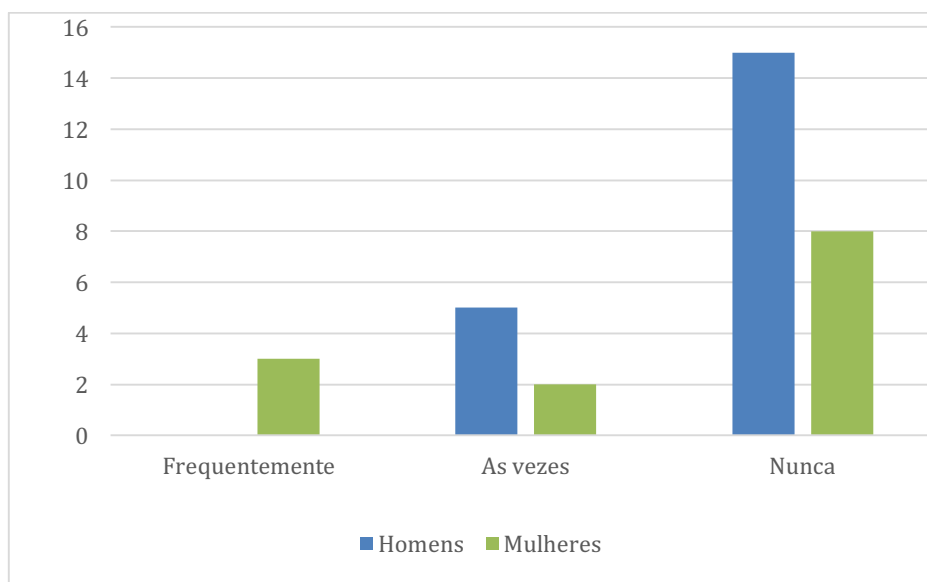
Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos 7 e 8 deixam claro que os homens percebem uma frequência maior da discriminação que sofrem as professoras, fato destacado por Bourdieu ao apontar que o dominado muitas vezes é uma vítima inconsciente, ainda que os dominadores também não tenham plena compreensão das relações de poder. Por isso a evidência de que os professores respondentes que optaram pela alternativa “frequentemente” são homens. É importante não olvidar, como deixa claro Bourdieu, que a não percepção não é a mesma coisa que a não existência.

Perguntados se percebem se os alunos exigem que os professores estejam arrumados em relação ao uso de roupas, 69% dos professores respondentes afirmaram que “nunca” perceberam; 21% afirmaram “às vezes” e 9% “frequentemente”. Vale evidenciar que há uma diferença significativa de respostas entre respondentes do sexo feminino e masculino. Entre os professores homens, a grande maioria, 75%, afirma não perceber a exigência dos alunos em estarem bem arrumados. Já entre as professoras respondentes, o percentual cai para 40%. Os respondentes que optaram pela alternativa “frequentemente” são todos do sexo feminino. Como evidenciou Beauvoir, a sociedade historicamente construiu a mulher como um elemento de distinção dos homens, cabendo a elas estarem bem apresentáveis (com roupas consideradas belas) diante da sociedade. Os dados estão

evidenciados pelo gráfico 09 e pode demonstrar que os professores do sexo feminino percebem que o “estar bem arrumado em relação à roupa” chama atenção dos alunos.

Gráfico 09 – Percepção dos professores respondentes quanto a estar bem arrumado em relação à roupa.

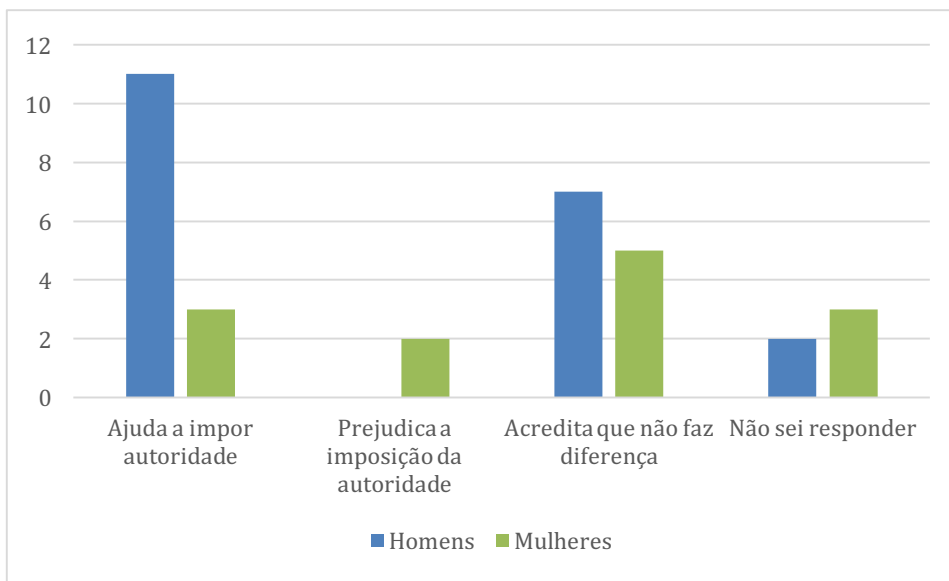


Fonte: Elaboração própria.

De forma genérica, os professores foram perguntados se ao lecionarem percebem algum tipo de discriminação pelo sexo que possuem. A grande maioria, 90%, afirmou que nunca perceberam. Neste questionamento, apenas dois entrevistados afirmaram “às vezes” e apenas um afirmou “frequentemente”.

Quando perguntados sobre a relação da voz com o sexo do professor, 42% afirmaram que a voz ajuda a impor autoridade. Desse percentual, conforme é mostrado no gráfico 10, é importante destacar que 33% foram respondentes masculinos, o que se pode concluir que a voz masculina possa estar associada diretamente à imposição de autoridade. A observação é corroborada pela ausência de respondentes professores do sexo masculino que tenham escolhido a alternativa “prejudica a imposição da autoridade”. Ainda é importante evidenciar que tal observação pode estar associada ao fato de que a maioria dos respondentes homens acredita que a presença do professor do sexo masculino pode auxiliar positivamente na resolução de um conflito em sala de aula, conforme evidenciado no gráfico 02.

Gráfico 10 – Percepção dos professores respondentes quanto ao sexo do professor e sua relação com a imposição de voz.



Fonte: Elaboração própria.

As mudanças necessárias para combater a dominação masculina não se dará por meio de ações individuais, como atestaram Beauvoir e Bourdieu, mas resultado de ações institucionais e mudanças culturais no mundo vivido. O reconhecimento das relações de poder existentes é o primeiro passo para a criação de estratégias de transformação da realidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos na pesquisa podemos apontar que no caso das relações de gênero entre docentes e discentes analisadas, a dominação masculina não é percebida de forma clara pelos envolvidos na pesquisa, contudo suas respostas desvelam tal dominação. Nesse sentido, a proposição de Simone de Beauvoir e Pierre Bourdieu quanto a difícil percepção das relações de dominação masculina se aplica à realidade investigada. Ao analisarmos com atenção as percepções dos respondentes, encontramos situações onde a desigualdade de gênero torna-se mais evidente/presente. É importante destacar que a pesquisa foi realizada com docentes do Ensino Superior que se encontram em um campo que é tido como “menos masculino”, por isso em alguns momentos parece que as relações são simétricas, ainda que não sejam. Ainda que o campo permita a presença das mulheres, há contextos onde estas são relegadas a serem “o outro”, o “não sujeito”.

Dentre os achados da pesquisa, ficou evidenciado que entre os respondentes - homens e mulheres – a percepção de que os alunos não manifestam preferência por professor do sexo masculino ou feminino, excetuando quando a atuação docente é na área

de Exatas, na qual é vista como masculina.

Para a resolução de conflitos em sala de aula, é perceptível que para os respondentes do sexo feminino, a presença masculina em sala de aula torna-se relevante. Essa situação evidencia que as disputas existentes no interior do campo são marcadas pelo reconhecimento da potência de “forças” masculinas. O papel da voz masculina foi igualmente evidenciado como um elemento importante em momentos de conflitos em sala de aula.

No que diz respeito à percepção de assédios que possam ter sido sofridos por professores, a pesquisa evidenciou uma diferença significativa de respostas entre respondentes do sexo feminino e masculino. Os dados demonstraram que os respondentes homens percebem mais facilmente os possíveis assédios às professoras. Acreditamos que isso ocorra por conta da naturalização do assédio sofrido pelas mulheres, sobretudo àqueles confundidos como elogios.

Outra questão a ser destacada é a importância que os alunos dão à forma em que os professores se vestem na visão dos professores. Entre as mulheres há uma boa percepção de que é necessário vestir-se bem, por certa exigência dos alunos. Constatação que vem ao encontro do que evidenciou Beauvoir, ao observar que a sociedade historicamente construiu a mulher como um elemento de distinção dos homens, cabendo a elas estarem bem apresentáveis diante da sociedade e aos homens apresentá-las como “troféu”.

Além dos achados, a pesquisa traz como possível limitador o número pequeno de questionários efetivamente respondidos do universo de docentes pesquisados da instituição de ensino superior utilizada como unidade de análise. Tal questão leva os autores do presente estudo a sugerirem pesquisas futuras com um grupo maior de respondentes, podendo incluir outras instituições de ensino na amostra, bem como realizar comparações entre instituições educacionais que ofertam níveis de ensino diferentes.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 9ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010 [1990].

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. Pierre Bourdieu avec Lœic Wacquant: réponses. Paris: Seuil, 1992.

_____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Esboço de uma teoria prática*. Tradução das partes: "Les trois modes de connaissance" e "Structures, habitus et pratiques", por Paula Montero. In: *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Geneve, Lib. Droz, p. 162-89, 1972.

BEAUVOIR, Simone de. *A força das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009 [1963].

_____. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2 v. 1980 [1949].

BURAWOY, Michael. As antinomias do feminino: Beauvoir encontra Bourdieu. In: _____. *O Marxismo encontra Bourdieu*. Organizador: Ruy Gomes Braga Neto; tradução, referências e notas de Fernando Rogério Jardim. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

FEMENÍAS, María Luisa. A Crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*. Belo Horizonte, v.3, n.6, p.310-339, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/4619>>. Acesso em: 20 de agos. 2016.

INEP. *Trajetória da Mulher na Educação Superior Brasileira: período de 1991 a 2004*. Brasília: MEC; Governo Federal do Brasil, 2007.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Habitus, Campo, Estratégia: uma leitura de Bourdieu. *Cadernos Ceru*, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/74986>> Acesso em: 22 de junho de 2016.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>> Acesso em: 22 de junho de 2016.

SIMONS, M. "Introduction". In: _____. (ed.). *Feminist interpretations of Simone de Beauvoir*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 1995.

WACQUANT, Loic. *Esclarecer o Habitus*. São Paulo: *Educação & Linguagem*, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126/136>> Acesso em: 22 de junho de 2016.